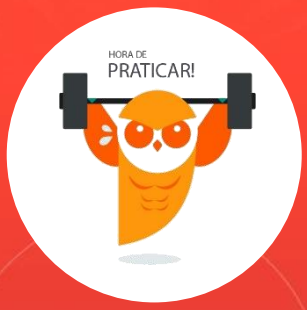
Estratégia Vestibulares

VESTIBULAR DA UNESP 2021 - 2ª FASE

Correção de Linguagens e Códigos



Equipe de Português

CORREÇÃO DO VESTIBULAR UNESP 2021 - 2ª FASE

10 DE MAIO DE 2021

QUESTÕES COM COMENTÁRIOS

1. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana) Examine a tira de André Dahmer.

(*Malvados*, 2019.)

Contribui para o efeito de humor da tira o recurso

a) ao pleonasmo.

b) à redundância.

c) ao eufemismo.

d) à intertextualidade.

e) à metalinguagem.

Comentários

A alternativa A está incorreta, pois o pleonasmo é uma figura de linguagem de repetição; tem efeito estilístico quando o emissor quer realçar uma ideia, dando-lhe mais ênfase.

A alternativa B está incorreta, pois a redundância consiste numa repetição desnecessária de ideias; também, pode ser chamada de pleonasmo vicioso.

A alternativa C está incorreta, pois o eufemismo é uma figura de linguagem que consiste em uma substituição de uma palavra ou expressão com sentido desagradável por outra, com a finalidade de suavizar seu significado.

A alternativa D está incorreta, pois a intertextualidade ocorre quando um texto faz alusão, explícita ou implícita, a outro texto; o emissor do texto pressupõe que o receptor reconhecerá a relação entre eles.

A alternativa E está correta, pois a metalinguagem consiste na ocorrência da linguagem fazendo referência diretamente à própria linguagem usada na comunicação e, considerando que se trata de uma história em quadrinhos e a personagem, no último quadro, pede que seja retomada a leitura do primeiro quadrinho, ocorreu essa referência, a qual contribuiu para o efeito de humor da tirinha.

Gabarito: E.

2. (UNESP/2021/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Para responder às questões de 02 a 05, leia a crônica de Machado de Assis, publicada em 19.05.1888.

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*[1], *post facto*[2], depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa dos seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*[3], mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que eu acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que…

— Oh! meu senhô! fico.

— … Um ordenado pequeno, mas que há de crescer.

Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos…

— Artura não qué dizê nada, não, senhô…

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam

a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

(Machado de Assis. Crônicas escolhidas, 2013.)

[1]***après coup*: a posteriori.**
[2]***post facto*: após o fato.**
[3]***coup du milieu*: bebida, às vezes acompanhada de brindes, que se tomava no meio de um banquete.**

O termo que melhor caracteriza o narrador da crônica é

a) altruísta.

b) devoto.

c) hipócrita.

d) visionário.

e) impulsivo.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/semântica.

Alternativa A: incorreta. Uma pessoa altruísta é generosa e pensa nos outros em primeiro lugar. Pelo contrário: o narrador é egoísta, pois pensa primeiro na sua carreira política.

Alternativa B: incorreta. Uma pessoa devota é caridosa, religiosa. Por mais que o narrador pareça seguir os mesmos passos de Cristo, segundo suas próprias palavras no terceiro parágrafo, devemos entender que se trata de um narrador em primeira pessoa; logo, **não confiável**. Assim, ele quer passar a sensação de que é benevolente, quando no fundo esconde seus reais objetivos.

Alternativa C: correta - gabarito. Segundo o Dicionário Aulete, "hipócrita" é alguém que simula ter uma qualidade ou sentimento que não tem, ou finge ser verdadeira alguma coisa (sabendo que não o é); fingido; falso, o que é exatamente o caso do narrador. Ele finge ser honesto com o escravo, libertando-o, quando no fundo era para aparentar uma boa imagem pública, o que lhe ajudaria com sua carreira política. Lembrando que uma das principais temáticas de Machado de Assis é justamente **o jogo entre essência e aparência**.

Alternativa D: incorreta. Essa era a impressão que o narrador queria passar, não que ele fosse visionário de fato.

Alternativa E: incorreta. Pelo contrário: uma pessoa impulsiva é aquela que age sem pensar. No caso do narrador, seus atos eram friamente calculados.

Gabarito: C.

---

3. (UNESP/2021/2ª fase/Professora Luana Signorelli) O trecho "profetas *après coup, post facto, depois do gato morto*" (1º parágrafo) sugere que o narrador se considera um profeta de fatos ou eventos

a) enigmáticos.

b) contestáveis.

c) imaginários.

d) consumados.

e) cotidianos.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/semântica.

Alternativa A: incorreta. Cuidado com informações extratextuais: não há dados indicando que os fatos eram misteriosos.

Alternativa B: incorreta. Os fatos já ocorreram, não são eles que estão sendo contestados. **Atenção**: o narrador usa uma série de recursos os quais nos permitem contestar a verossimilhança do que está sendo narrado. Por exemplo: não sabe se no seu próprio banquete compareceram 5 ou 33 pessoas (diferença bem significativa); não sabe sequer se um dos convivas era seu sobrinho, e depois ainda confessa que, apenas por "simples suposição", acha que a alforria concedida ao escravo Pancrácio lhe fizeram tão bem que ele aprendeu a ler e escrever. Se os fatos não são confiáveis, melhor se antecipar a eles: "(...) os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela."

Alternativa C: incorreta. Os fatos já ocorreram, na realidade e não na imaginação. Até porque o tema da crônica é histórico.

Alternativa D: correta - gabarito. Os fatos já ocorreram, até porque "morto" é um particípio. Está na ordem do que já foi feito e o narrador se gaba de sua qualidade superiora de visionário, que julgar ter.

Alternativa E: incorreta. Não é todo dia, rotineiramente, que a escravidão é abolida.

Gabarito: D.

---

4. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana) "Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, <u>conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico</u>." (2º parágrafo).

No contexto em que se inserem, as orações sublinhadas expressam, respectivamente, ideia de

a) condição e comparação.

b) condição e finalidade.

c) consequência e comparação.

d) concessão e finalidade.

e) concessão e consequência.

Comentários

A alternativa A está incorreta, pois a oração "conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo)" expressa ideia de concessão e **não** de condição; a oração "no intuito de lhe dar um aspecto simbólico" expressa ideia de finalidade e **não** de comparação.

A alternativa B está incorreta, pois a oração "conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo)" expressa ideia de concessão e **não** de condição; no entanto, a oração "no intuito de lhe dar um aspecto simbólico" expressa o objetivo, a finalidade da ação registrada pelo verbo da oração anterior; poderia apresentar os conectivos "para que" ou "a fim de que".

A alternativa C está incorreta, pois a oração "conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo)" expressa ideia de concessão e **não** de consequência e a oração "no intuito de lhe dar um aspecto simbólico" expressa o objetivo, a finalidade da ação registrada pelo verbo da oração anterior. Poderia apresentar os conectivos "para que" ou "a fim de que"; portanto, **não** expressa comparação.

A alternativa D está correta, pois "conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo)" apresenta o conectivo "conquanto", que pode ser substituído por "mesmo que" ou "embora", expressando uma concessão à ideia registrada pelo verbo da oração principal "reuni uma cincos pessoas", ou seja, concedendo a possibilidade de uma oposição, de um fato novo, mesmo que contraditório, trata-se de uma **oração subordinada adverbial concessiva**. Já a oração "no intuito de lhe dar um aspecto

simbólico" expressa o objetivo, a finalidade da ação registrada pelo verbo da oração anterior; poderia apresentar os conectivos "para que" ou "a fim de que".

A alternativa E está incorreta, pois "conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo)" apresenta o conectivo "conquanto", que pode ser substituído por "mesmo que" ou "embora", expressando uma concessão à ideia registrada pelo verbo da oração principal "reuni uma cincos pessoas", ou seja, concedendo a possibilidade de uma oposição, de um fato novo, mesmo que contraditório, trata-se de uma oração subordinada adverbial concessiva; entretanto, a oração "no intuito de lhe dar um aspecto simbólico" expressa o objetivo, a finalidade da ação registrada pelo verbo da oração anterior, e **não** expressa consequência.

Gabarito: D.

---

5. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana) Para evitar a repetição de um verbo já mencionado, o narrador recorre à elipse de um verbo na frase

a) "Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés." (4º parágrafo)

b) "Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote." (4º parágrafo)

c) "Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu." (8º parágrafo)

d) "Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade." (13º parágrafo)

e) "Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos." (13º parágrafo)

Comentários

A alternativa A está incorreta, pois não há omissão dos verbos "estava", "entrou", "veio" e "abraçar"; assim, nenhuma das orações apresentou elipse.

A alternativa B está incorreta, pois não há omissão dos verbos "ouvi", "fiz", "agradecendo" e "entreguei"; assim, nenhuma das orações apresentou elipse.

A alternativa C está incorreta, pois não há elipse dos verbos "nasceste", "eras" e "estás"; após o ponto e vírgula, aparece a construção "mais alto do que eu", que coloca o adjetivo "alto" no **grau comparativo de superioridade**.

A alternativa D está incorreta, pois o verbo "aceitou" aparece em duas orações e os verbos "dei" e "escovar" não foram omitidos em outras orações, não apresentado elipse.

A alternativa E está correta, pois o narrador evitou a repetição dos verbos "continuava" e "eram": "Ele continuava livre, eu [continuava] de mau humor; eram dois estados naturais, [eram] quase divinos.

Gabarito: E.

---

6. (UNESP/2021/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Leia o poema "Ausência", de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões de 06 a 08.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.

(*Corpo*, 2015.)

Depreende-se do poema que

a) a ausência, uma vez incorporada, torna-se parte constitutiva do eu lírico.

b) a ausência, convertida em falta, passa a suprir uma carência do eu lírico.

c) a falta e a ausência, convertidas em instâncias internas, aliviam a solidão do eu lírico.

d) a falta e a ausência, uma vez personificadas, tornam-se companheiras do eu lírico.

e) a falta, uma vez convertida em ausência, passa a ser verbalizada pelo eu lírico.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/Gramática aplicada à Literatura.

Alternativa A: correta - gabarito. Chega em um determinado ponto em que o eu lírico toma consciência, e passa a entender que "Não há falta na ausência." Então, considera "essa ausência assimilada", isso porque ela foi incorporada, tornando-se parte dele. A partir do momento em que o eu lírico entende isso, passa a ser feliz e muda seu estado de espírito.

Alternativa B: incorreta. Antes estava lastimoso, mas não necessariamente carente.

Alternativa C: incorreta. O eu lírico não sente solidão necessariamente. Pelo contrário: seu processo emancipatório diz respeito a se sentir bem consigo próprio, mesmo estando sozinho: "A ausência é um estar em mim." Em última instância, a ausência seria benéfica, no sentido de ajudar no **autoconhecimento**.

Alternativa D: incorreta. Personificação é uma figura de linguagem que ocorre características humanas são atribuídas a seres irracionais ou inanimados. Não é o caso, pois "ausência" e "falta" estão sendo usadas na qualidade de substantivo mesmo.

Alternativa E: incorreta. Não há menção à verbalização.

Gabarito: A.

---

7. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana) Os três pronomes "a" do poema referem-se, respectivamente, a

a) ausência, falta, ausência.

b) ausência, ausência, falta.

c) falta, falta, ausência.

d) falta, ausência, ausência.

e) falta, ausência, falta.

Comentários

Observe:

E lastimava, ignorante, a falta. (2º verso)
Hoje não a lastimo. (3º verso)

A ausência é um estar em mim. (5º verso)
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus (6º verso)

porque a ausência, essa ausência assimilada, (8º verso)
ninguém a rouba mais de mim. (9º verso)

A alternativa A está incorreta, pois o primeiro pronome “a” refere-se ao termo “falta” e **não** ao termo “ausência”; o segundo pronome “a” refere-se ao termo “ausência” e **não** ao termo “falta”; o terceiro pronome refere-se ao termo “ausência”; assim, somente a última menção está correta.

A alternativa B está incorreta, pois o primeiro pronome “a” refere-se ao termo “falta” e **não** ao termo “ausência”; o segundo pronome refere-se ao termo “ausência”; portanto, está correto; o terceiro pronome refere-se ao termo “ausência” e **não** ao termo “falta”.

A alternativa C está incorreta, pois o primeiro pronome “a” refere-se ao termo “falta”, portanto está correto; o segundo pronome refere-se ao termo “ausência” e **não** ao termo “falta”; o terceiro pronome refere-se ao termo “ausência”.

A alternativa D está correta, pois o primeiro pronome “a” refere-se ao termo “falta”, o segundo refere-se ao termo “ausência” e o terceiro refere-se ao termo “ausência”, respectivamente.

A alternativa E está incorreta, pois o primeiro pronome “a” refere-se ao termo “falta”, o segundo refere-se ao termo “ausência”; no entanto, o terceiro pronome refere-se ao termo “ausência” e **não** ao termo “falta”. Então, a última menção está incorreta.

Gabarito: D.

---

8. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana)

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de “derivação imprópria”.

(Celso Cunha. *Gramática do português contemporâneo*, 2013. Adaptado.)

No contexto do poema “Ausência”, observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso

a) “Hoje não a lastimo.”

b) “A ausência é um estar em mim.”

c) “que rio e danço e invento exclamações alegres,”

d) “ninguém a rouba mais de mim.”

e) “Por muito tempo achei que a ausência é falta.”

Comentários

A alternativa A está incorreta, pois nenhuma das palavras adquiriu aplicação diferente na frase.

A alternativa B está correta, pois a derivação imprópria ocorreu com o verbo “estar”, na oração, foi usado como um substantivo, apresentando o determinante “um”, artigo indefinido.

A alternativa C está incorreta, pois nenhuma das palavras adquiriu aplicação diferente na frase.

A alternativa D está incorreta, pois nenhuma das palavras adquiriu aplicação diferente na frase.

A alternativa E está incorreta, pois nenhuma das palavras adquiriu aplicação diferente na frase.

Gabarito: B.

---

9. (UNESP/2021/2ª fase/Professora Luana Signorelli)

Escritor refletido e cheio de recurso, a sua obra é uma das minas da literatura brasileira, até hoje, e embora não pareça, tem continuidades no Modernismo. Nossa iconografia imaginária, das mocinhas, dos índios, das florestas, deve aos seus livros muito da sua fixação social; de modo mais geral, para não encompridar a lista, a desenvoltura inventiva e brasileirizante da sua prosa ainda agora é capaz de inspirar.

(Roberto Schwarz. Ao vencedor as batatas, 2000. Adaptado.)

O comentário refere-se ao escritor

a) Raul Pompeia.

b) Manuel Antônio de Almeida.

c) José de Alencar.

d) Tomás Antônio Gonzaga.

e) Aluísio Azevedo.

Comentários

Questão de crítica literária/conhecimento de autores e obras do cânone.

Alternativa A: incorreta. Raul Pompeia é um autor classificado pelos críticos literários como realista, apesar de sua obra apresentar mistura de estilos. Suicidou-se aos 32 anos e não deixou uma obra muito extensa, sendo a mais conhecida "O Ateneu: crônica de saudades" (1888), um livro autobiográfico que conta as experiências do menino Sérgio, de 11 anos, no colégio interno.

Alternativa B: incorreta. Manuel Antônio de Almeida é um escritor do Romantismo Tardio, ou seja, da segunda metade do século XIX. Escreveu principalmente romances românticos urbanos (e não sobre a natureza), como é o caso de "Memórias de um sargento de milícias" (1853).

Alternativa C: correta - gabarito. José de Alencar é um autor que escreveu os quatro tipos de romance romântico. Entre os autores das alternativas, é o único que escreveu sobre a figura dos indígenas, no seu ciclo de romances românticos indianistas: "O Guarani" (1857); "Iracema" (1865) e "Ubirajara" (1874). Costumam ser romances idealizados em que é importante a **construção de uma identidade nacional**, o que o crítico literário Roberto Schwarz chamou de "desenvoltura inventiva e brasileirizante".

Alternativa D: incorreta. Tomás Antônio Gonzaga é um escritor do Arcadismo Brasileiro. **Cuidado**: nesse movimento literário, houve, sim, poesia épica indianista, mas quem a escreveu foram outros autores como Basílio da Gama com "O Uraguai" (1769) e Santa Rita Durão com "Caramuru" (1781). Tomás Antônio Gonzaga escreveu outros tipos de poesia, como a poesia lírica, com "Marília de Dirceu" (1792) e poesia satírica, com "Cartas Chilenas" (1845).

Alternativa E: incorreta. Aluísio Azevedo é um escritor naturalista do fim do século XIX. Escreve a partir de uma condição em que a urbanização já estava bem avançada. Sua obra-prima é "O cortiço" (1890), que fala sobre uma habitação coletiva no Rio de Janeiro.

Gabarito: C.

---

10. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana) Leia o trecho do ensaio "As mutações do poder e os limites do humano", de Newton Bignotto, para responder às questões de 10 a 12.

A modernidade se construiu a partir do Renascimento à luz da famosa asserção do filósofo italiano Pico della Mirandola em seu Discurso sobre a dignidade do homem (1486), segundo o qual fomos criados livres e com o poder de escolher o que desejamos ser. Diferentemente dos outros seres, o homem pode constituir a própria face e transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas.

Para Pico della Mirandola, o homem é um ser autoconstruído, e, por isso, não podemos atribuir a forças transcendentes nem os sucessos nem os fracassos. A liberdade para forjar sua própria natureza é um dom que implica riscos. Se com frequência preferimos olhar apenas para a força de uma vontade, que decidiu explorar o mundo com as ferramentas da razão, desde a era do Barroco sabemos que o real

comporta um lado escuro, que não pode ser simplesmente esquecido. Ao lado do racionalismo triunfante, sempre houve um grito de alerta quanto às trevas que rondavam as sociedades modernas.

O século XX viu essas trevas ocuparem o centro da cena mundial e enterrou para sempre a ideia de que o progresso da civilização iria nos livrar de nossas fraquezas e defeitos. O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial. Tudo se passa como se a partir de agora não pudéssemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza. O monstro, que rondava a razão, e que por tanto tempo pareceu poder ser por ela derrotado, aproveitou-se de muitas de suas conquistas para criar uma nova identidade, que nos obriga a conviver com a barbárie no seio mesmo de sociedades que tanto contribuíram para criar a imagem iluminada do Ocidente.

(Adauto Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

De acordo com Pico della Mirandola,

a) a capacidade de autodeterminação caracteriza os homens.

b) a ideia de livre-arbítrio acabou por se revelar ilusória.

c) o convívio com a barbárie corrompeu a natureza humana.

d) os homens acostumaram-se à condição de bestas.

e) o progresso da humanidade passa invariavelmente pela barbárie.

Comentários

A alternativa A está correta, pois, segundo Picco dela Mirandola, o homem é um ser autoconstruído, não podendo atribuir a nenhuma força superior seus sucessos ou fracassos, apresentando liberdade de mudar a própria natureza, tendo riscos a serem assumidos.

A alternativa B está incorreta, pois, segundo Picco dela Mirandola, o homem tem liberdade de forjar sua própria natureza, ou seja, para ele, há o livre-arbítrio.

A alternativa C está incorreta, pois, segundo encontramos no primeiro parágrafo, “o homem pode transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas”, como uma opção, isso não quer dizer que a natureza humana foi totalmente corrompida.

A alternativa D está incorreta, pois, para Picco dela Mirandola, a razão sempre possibilitou ao homem ficar atento às “trevas que rondam as sociedades modernas”, inferindo-se que a razão é o que leva o homem a evitar a possível “condição de besta”.

A alternativa E está incorreta, pois a associação de progresso da civilização e avanço da tecnologia ao avanço dos massacres e aparecimento da morte em escala industrial é apresentada por Adauto Novaes (organizador) e não pode ser atribuída a Picco dela Mirandola.

Gabarito: A.

---

11. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana) Está empregado em sentido figurado o termo que qualifica o substantivo na expressão

a) “sociedades modernas” (2º parágrafo).

b) “lado escuro” (2º parágrafo).

c) “escala industrial” (3º parágrafo).

d) “famosa asserção” (1º parágrafo).

e) “forças transcendentes” (2º parágrafo).

Comentários

***Observação**: acreditamos que a questão apresenta dupla resposta, conforme comentários abaixo.

A alternativa A está incorreta, pois o adjetivo "modernas", ao qualificar o substantivo "sociedade", não apresenta sentido figurado.

A alternativa B está correta, pois o adjetivo "escuro", ao qualificar o substantivo "lado", considerando o texto, apresenta sentido de um aspecto negativo em relação à realidade.

A alternativa C está correta, pois o adjetivo "industrial", ao qualificar o substantivo "escala", considerando o texto, não pode apresentar o sentido literal de transformar matéria-prima em produtos; entende-se que o termo "industrial" apresenta sentido ampliado quando relacionado à morte, isto é, grande quantidade de mortes.

A alternativa D está incorreta, pois o adjetivo "famosa", ao qualificar o substantivo "asserção", não apresenta sentido figurado, mas sim juízo de valor da parte do enunciador.

A alternativa E está incorreta, pois o adjetivo "transcendentes", ao qualificar o substantivo "forças", apresenta ideia de que elas ultrapassam os limites da normalidade, e não um sentido figurado.

Gabarito: B e C.

---

12. (UNESP/2021/2ª fase/Professor Wagner Santos e Professora Bete Ana)

Dêiticos: expressões linguísticas cuja interpretação depende da pessoa, do lugar e do momento em que são enunciadas. Por exemplo, "eu" designa a pessoa que fala "eu". Expressões como "aqui", "hoje" devem ser interpretadas em função de onde e em que momento se encontra o locutor, quando diz "aqui" e "hoje".

(Ernani Terra. *Leitura do texto literário*, 2014. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de dêitico no seguinte trecho:

(A) "O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial." (3º parágrafo)

(B) "Diferentemente dos outros seres, o homem pode constituir a própria face e transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas." (1º parágrafo)

(C) "A liberdade para forjar sua própria natureza é um dom que implica riscos." (2º parágrafo)

(D) "Ao lado do racionalismo triunfante, sempre houve um grito de alerta quanto às trevas que rondavam as sociedades modernas." (2º parágrafo)

(E) "Tudo se passa como se a partir de agora não pudéssemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza." (3º parágrafo)

Comentários

A alternativa A está incorreta, pois não há marcas linguísticas que evidenciem tempo ou lugar relativos ao emissor do texto; as marcas relacionadas ao tempo correspondem a um momento anterior ao da emissão do texto.

A alternativa B está incorreta, pois não há marcas linguísticas que evidenciem tempo ou lugar relativos ao emissor do texto; as informações referem-se a uma terceira pessoa, o homem.

A alternativa C está incorreta, pois não há marcas linguísticas que evidenciem tempo ou lugar relativos ao emissor do texto; as informações referem-se a uma terceira pessoa, a liberdade.

A alternativa D está incorreta, pois não há marcas linguísticas que evidenciem tempo ou lugar relativos ao emissor do texto; as marcas relacionadas ao tempo correspondem a um momento anterior ao da emissão do texto.

A alternativa E está correta, pois “agora” deve ser interpretado em função do momento em que se encontra o emissor do texto, isto é, nos dias de hoje.

Gabarito: A.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós nos colocamos à disposição de vocês para sanar eventuais dúvidas.

Temos a meta de responder ao Fórum de Dúvidas, com a qualidade e profundidade exigidas, assim como podem nos encontrar em redes sociais. E agora também temos **Sala VIP**.

Versão	Data	Modificações
1	10/05/2021	Entrega da primeira versão do texto.

Professor Wagner Santos

@wagnerliteratura

Professora Bete Ana

@profabeteana

Professora Luana Signorelli

/luana.signorelli

Professora Luana Signorelli

@luana.signorelli

Luana Signorelli

@luanasignorelli1